

A HISTÓRIA DA CULTURA ESCRITA E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES À INTERPRETAÇÃO BÍBLICA CONTEMPORÂNEA

Anderson de Oliveira Lima¹
Universidade Metodista de São Paulo
Universidade Presbiteriana Mackenzie
Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Recebido: 09/04/2015
Aprovado: 06/11/2015

Resumo: Este artigo trata da História da cultura escrita a partir da obra de Roger Chartier e procura incentivar a aplicação da disciplina aos estudos bíblicos contemporâneos. Em suma, procuramos sugerir caminhos para os estudos bíblicos a partir de três pontos que o autor francês considera essenciais em sua disciplina, que são: a) a complexidade dos processos de escrita, preservação e transmissão dos textos, b) a instabilidade dos significados e c) as autoridades e a força de suas mediações no processo de leitura.

Palavras-chave: Bíblia como literatura; História da Cultura Escrita; História da Leitura; Crítica Histórica; Roger Chartier.

HISTORY OF WRITTEN CULTURE AND YOURS CONTRIBUTIONS TO CONTEMPORARY BIBLICAL INTERPRETATION

Abstract: This article deals with the History of the writing culture from the work of Roger Chartier and tries to encourage the application of that discipline to contemporary biblical studies. In short, we try to suggest ways for biblical studies from three perspectives that the French author considers essential to the discipline: a) the complexity about the processes of writing, preservation and transmission of texts, b) the instability of meanings and c) the authorities and the strength of its mediations in the reading process.

Keywords: Bible as literature; History of the Writing Culture; History of Reading; Critical History; Roger Chartier.

Introdução

Este trabalho procura tratar de questões de interpretação bíblica a partir da História da cultura escrita. Para alguns biblistas nossa opção pela História como ponto de partida para se falar de interpretação bíblica pode parecer um retrocesso. Boa parte dos trabalhos produzidos sobre a Bíblia a partir da metade do século XX insiste, e com razão, em apontar a superação da exegese bíblica mais tradicional,

¹ Endereço: Rua Cecília, 345, casa 2, Vila Esperança. CEP: 03651-040. São Paulo – SP. E-mail: anderson.angela.lima@gmail.com.

que se caracteriza exatamente pela adoção de pressupostos teóricos de uma Crítica histórica. Todavia, a rejeição radical aos chamados Métodos histórico-críticos não parece ser a atitude mais sensata para o momento atual. Sem dúvida tais métodos, frutos de uma erudição bíblica desenvolvida especialmente ao longo dos séculos XIX e XX, nos deixou contribuições valiosas e permanentes, principalmente no que diz respeito à produção dos textos bíblicos, seus gêneros e contextos originários, sua transmissão e preservação. Assim, apesar do esgotamento de vários de seus paradigmas,² característicos da Historiografia e Crítica literária do século XIX, acreditamos que já estão superados os dias em que era necessário estabelecer fronteiras rígidas que distinguissem, por exemplo, as abordagens literárias das abordagens históricas.³

Em busca de parâmetros metodológicos para a realização deste trabalho, decidimos partir de Roger Chartier, autor conhecido internacionalmente por sua frutífera trajetória como pesquisador ligado à história do livro e que, em suas obras (em especial a mais recente, *A mão do autor e a mente do editor*, publicada no Brasil em 2014 pela editora Unesp) aponta três elementos que, segundo ele, devem estar presentes quando se trata da História da cultura escrita. Portanto, na primeira parte deste artigo faremos um resumo desses três elementos dedicando boa atenção às palavras de Chartier. Depois nos apropriando deles de modo mais direto, desenvolvendo nossas próprias considerações que procuram demonstrar a aplicação dessa disciplina aos estudos bíblicos.

Elementos Para a História da Cultura Escrita

² O século XX, em especial, trouxe forte desconfiança em relação a toda construção científica do passado; é cada vez mais consensual a opinião de que o passado histórico não existe a não ser através da mediação da linguagem, da mão do historiador que coleta evidências, interpreta-as a seu modo e desenvolve uma narrativa. Nesse contexto a crítica moderna da Bíblia também passou a ser combatida por se pautar nos pressupostos desse tipo antiquado de historiografia. Com razão, acusa-se a antiga crítica de dissecar os textos bíblicos para extrair deles os dados mais antigos como se esses fossem mais autênticos, mais próximos dos profetas ou apóstolos e, conseqüentemente, mais importantes. Os textos bíblicos que o cânon preservou, que são patrimônios da cultura material da humanidade e exerceram forte impacto no desenvolvimento das sociedades ocidentais nos últimos dois mil anos, eram, no fim das contas, apenas a matéria prima de uma crítica exegética que sonhava com uma irrecuperável verdade passada.

³ ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 13-14.

O primeiro dos três elementos que Roger Chartier aponta como necessários à História da cultura escrita é criado pela “[...] pluralidade das operações usadas na publicação de textos”.⁴ Chartier afirma, mais de uma vez, que “Autores não escrevem livros”; após o contato com suas justificativas, nós só podemos concordar com a asserção. De fato, todos sabemos minimamente que os livros “[...] são resultado de múltiplas operações que supõem uma ampla variedade de decisões, técnicas e habilidades”.⁵ Roger Chartier conhece e descreve como poucos os processos complexos pelos quais os livros ganham existência, pois em suas pesquisas ele se dedicou a compreender o trabalho de revisores, censores, editores, diagramadores, distribuidores, além de autores e leitores, é claro.

O autor, desse ponto de vista, é apenas um dos muitos sujeitos que se envolvem na produção de um livro; e ele não tem, como se pode imaginar, o domínio pleno sobre os conteúdos que os leitores encontrarão. Depois de pronto um manuscrito, outros profissionais atuarão e influenciarão, em maior ou menor medida, aquele conteúdo original. Quando o leitor finalmente tomar o livro em mãos seu acesso às palavras escritas poderá ser mediado por ilustrações que conduzem sua imaginação, pela escolha das fontes que podem cansar seus olhos, pela qualidade do papel e da encadernação que o ajudam a atribuir valor ao livro e ao conteúdo, pelas palavras de prefaciadores, pela opinião de críticos, pela classificação que o livro recebeu, pelo lugar da livraria em que foi encontrado, pelo preço que por ele foi cobrado etc.

Esse olhar abrangente, que procura entender toda a complexidade do processo coletivo que é a produção de um livro, é um dos temas que vamos propor para os estudiosos que atualmente se interessam pela Bíblia e por sua extensa história. Neste caso, deve-se considerar que a pesquisa sobre a história de um livro tão antigo envolve praticamente todos os períodos da História da cultura escrita, o que torna o trabalho do historiador praticamente interminável, a menos que faça muitas escolhas e se imponha limites. Nosso objetivo é oferecer um panorama geral sobre as mais importantes particularidades que envolvem o estudo das origens bíblicas.

⁴ CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014. p. 38.

⁵ Ibidem. p. 38-41.

Voltando a Roger Chartier, o segundo objeto para os estudos da História da cultura escrita é a *instabilidade dos significados* ou, noutras palavras, as inumeráveis formas de recepção dos textos por parte dos leitores empíricos.⁶ Esse é um ponto em que a História, que neste caso específico poderíamos chamar de História da leitura, caminha próxima à Teoria literária. Nesse contexto a leitura é encarada como um processo de produção de sentidos que é aberto, criativo, interdiscursivo, dialógico, que não depende exclusivamente das palavras escritas. Ocorre que todo ato comunicativo parte de um enunciador e procura alcançar um enunciatário, e isso é verdade mesmo nos casos em que esse destinatário é meramente um sujeito imaginário. Nos livros, o autor oferece seus pontos de vista tendo alguém em mente, um leitor (singular ou coletivo) que ele compõem mentalmente, o qual chamamos de *leitor modelo* ou *ideal*. O autor escreve tentando atender às necessidades desse leitor virtual que, por sua vez, tem interesse no tema e é capaz de interpretar o texto e fazer com que a comunicação atinja seus objetivos. Mas pode ser que o livro, quando diagramado, revisado, ilustrado, impresso, distribuído e vendido, caia nas mãos de um público completamente diferente daquele que o autor imaginou. O leitor pode não compreender o idioma, pode ter interesse em apenas parte da obra, pode lê-la numa ordem imprevista, pode interpretar os signos a partir de bases axiológicas muito distintas daquela adotada pelo autor etc. Por isso tudo, nem sempre o enunciado atinge seus objetivos, nem sempre é compreendido como seu emissor pretendia que fosse, e é por conta disso que, nos estudos literários atuais, os resultados das leituras devem ser considerados instáveis. Se é assim, não se está mais em busca de leituras corretas, mas dos motivos que levaram os leitores àqueles resultados interpretativos.

A pesquisa sobre as divergentes interpretações da Bíblia, com seus diferentes métodos desenvolvidos por diferentes grupos leitores, é particular pelo fato de a Bíblia ter assumido um forte caráter normativo desde as origens do cristianismo, quando os seguidores de Jesus e dos apóstolos ainda se viam mais como herdeiros das tradições religiosas judaicas do que como inauguradores de

⁶ Ibidem. p. 41-42.

uma nova religião. A história da leitura da Bíblia, portanto, costuma mostrar como o livro, ou melhor, como a leitura que dele se fez, foi importante na história de pessoas e no estabelecimento de seus valores culturais, na história das instituições e na defesa de seus dogmas, na história dos regimes políticos e na justificação de suas guerras...

O terceiro e último objeto que Roger Chartier considera importante na História da cultura escrita diz respeito às *autoridades*.⁷ Este é um objeto amplo, que se desdobra em várias possibilidades: Chartier trata principalmente da linguagem escrita como um tipo de comunicação que ganha materialidade e exige um saber especializado para sua produção, técnicas que foram controladas pelas elites em boa parte da história humana. A trajetória dos textos escritos lhe atribuiu uma autoridade especial, fez dos livros, mesmo quando não eram lidos, amuletos ou símbolos de status social, riqueza e erudição que se podia exibir. Porém, também podemos falar de outras formas de autoridades, como a das instituições mediadoras da leitura (como religiões ou universidades) que em seus respectivos contextos podem adquirir o poder de declarar certos textos clássicos, canônicos, sagrados, e outros populares, profanos, heréticos, ou que podem desenvolver práticas de leituras e impor seus resultados como a única e correta interpretação de determinadas obras.

Nosso ponto é que todas essas questões, que se complementam e tornam a História da cultura escrita uma disciplina complexa, não podem ser ignoradas pelos estudiosos dos textos bíblicos que, mais do que nunca, se esforçam por superar as antigas barreiras que separavam os biblistas de toda a produção científica secular. Os temas que apresentaremos não são novos na história dos estudos bíblicos, pelo menos quando discutidos individualmente. Então, nossa pesquisa justifica-se por apresentar conjuntamente algumas etapas relativas à produção da Bíblia, a variedade de suas leituras e as autoridades que influenciaram cada um desses processos ao longo dos primeiros séculos da era cristã, buscando sugerir caminhos para os estudos bíblicos contemporâneos.

⁷ Ibidem. p. 42-46.

Sobre a Complexidade dos Processos de Escrita, Preservação e Transmissão dos Textos Bíblicos: Fragmentariedade Bíblica

Para falar das origens dos textos bíblicos com a brevidade que essas páginas exigem passaremos logo a descrever, com poucas palavras, o processo de criação e transmissão dos textos bíblicos em seus primórdios. Essa abordagem histórica nos conduzirá ao ponto que realmente nos importa, que trata da fragmentariedade que é facilmente notada nos textos bíblicos.

Diferentemente de um livro moderno, a Bíblia não foi planejada e escrita de uma única vez. Ela nasceu gradativamente, como uma coleção de diversificadas tradições judaicas que em diferentes momentos ganharam a forma escrita. Os autores do mundo antigo eram, na maioria das vezes, compiladores profissionais de memórias coletivas. Tanto a escrita como a leitura dos antigos eram pontuais e embora os rolos já permitissem a composição de textos longos, o modo de entender os textos por parte dos escritores e leitores ainda era fragmentária e não sequencial. Profissionais transcreviam e copiavam manualmente essas tradições, reescreviam-nas, ampliavam-nas, liam-nas para os demais. Ainda hoje é possível perceber, por meio de uma leitura atenta, que esses textos foram compostos pela justaposição de textos menores, unidades breves que provavelmente remetem aos tempos em que tais tradições eram preservadas apenas pela memória e transmitidas oralmente. Algumas passagens antigas talvez tenham nascido em fragmentos textuais escritos sobre pedra, argila ou madeira, só depois ganhando um lugar em folhas de papiro ou couro. O processo de reunir fragmentos durou séculos, e com o passar dos anos as histórias se ampliavam, formavam obras extensas e, de verso em verso, de narrativa em narrativa, nasceram os rolos que hoje chamamos de livros bíblicos. E depois deles vieram as coleções de rolos como a Torá, os Profetas, os Salmos... Tratar desse longo período formativo e de suas especificidades é importante porque foi essa trajetória que deu à Bíblia que hoje lemos seu caráter antológico.

A maior parte dos textos da Bíblia Hebraica (ou Antigo Testamento) ganhou a forma que hoje conhecemos (ou pelo menos algo próximo disso) alguns séculos

antes da era cristã. Já os textos que compõem o Novo Testamento foram escritos entre a segunda metade do século I e o início do século II EC. Nestes dias o papiro, muito semelhante ao nosso papel, era considerado o melhor material para a produção de textos,⁸ e costumava-se reunir tradições literárias diversas em longos rolos, visando quase sempre a preservação do conteúdo e a leitura pública. Todos os estágios da produção de um rolo eram manuais e exigiam habilidades específicas, desde a produção das folhas até à própria escrita, o que tornava a cultura escrita uma arte dominada por aristocratas. Assim sendo, desde os primórdios os livros bíblicos dependeram de profissionais, escribas que copiavam os textos, corrigiam-nos, ampliavam-nos, liam-nos em voz alta, interpretavam-nos...

Outra informação importante para a história das origens bíblicas é que nos primeiros séculos da chamada *Era Comum* o cristianismo incipiente desempenhou um papel importante relativo à história da escrita ao adotar, mais cedo que qualquer outro grupo social, o códex (ou códice) em lugar dos rolos.⁹ Segundo o pesquisador do cristianismo primitivo John Dominic Crossan, “nos anos 200, a proporção cristã de rolo para códice era de um para treze. Essa vitória do códice para o rolo aconteceu só devagar e tarde para a literatura grega, mas quase instantaneamente e logo para a literatura cristã”.¹⁰ É difícil explicar porque os manuscritos cristãos, desde os mais antigos que hoje dispomos, já eram códices. Pode-se supor que a popularidade desse novo suporte aumentava por ser menos dispendioso, mais acessível à manufatura não profissional, e por ser um modelo de transmissão escrita que possibilitava consultas rápidas a qualquer ponto de um livro.¹¹ Se as narrativas bíblicas já eram fragmentárias e suas leituras pontuais, supomos que o códice facilitou esse processo de recepção seletiva.

⁸ O couro já era conhecido, mas só superou o uso do papiro por volta do século V EC, principalmente por ser mais durável e por ser produzido em muitos lugares, enquanto que o papiro dependia de certas condições ambientais como aquelas que tornaram o Egito o centro de onde a maior parte do mundo conhecido importava o material.

⁹ MILES, Jack. **Deus, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 26-27.

¹⁰ CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 170.

¹¹ CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. V. 1. p. 19.

Desses apontamentos chegamos a um ponto em que podemos introduzir uma discussão mais específica e contemporânea, que diz respeito ao modo como alguns críticos atuais têm trabalhado sobre essa antologia que é a Bíblia suplantando as dificuldades inerentes à sua fragmentariedade. O exemplo mais claro desse tipo de abordagem está em *Deus, uma biografia*,¹² de Jack Miles.¹³ Miles costuma ser enquadrado entre aqueles que leem a Bíblia *como literatura*,¹⁴ desenvolvendo uma leitura que está de acordo com as teorias literárias contemporâneas e representam um tipo de abordagem bíblica bastante atual. Nessa obra, especificamente, Miles procura escrever sobre Deus como o protagonista da Bíblia Hebraica, e pauta-se na sucessão de ações, descrições e discursos desse personagem, conforme elas são apresentadas pela sequência narrativa da Bíblia Hebraica. Com esse objetivo ele escolhe trabalhar com o Tanach, isto é, com a Bíblia judaica, que traz os mesmos livros que compõem o Antigo Testamento da Bíblia cristã, porém, noutra ordem. Para o projeto de Miles a escolha pelo *Tanach* é decisiva, pois ele supõe que a ordem dos livros forma um enredo particular, que não se repete na Bíblia cristã.¹⁵ Ao ler a Bíblia Hebraica assim, levando em conta a sucessão dos eventos conforme a versão canônica nos oferece, Miles pôde identificar um desenvolvimento gradual na personalidade do personagem Deus, produzindo uma interpretação bastante incomum em que o Senhor Deus se mostra inconstante e atravessa, como qualquer ser humano, fases diferentes em sua existência.

Miles, como crítico moderno, rejeita a leitura parcial, pontual, e a ideia de simultaneidade que sempre norteou a interpretação bíblica. Ele escreveu sua crítica a essa tradição dizendo que ela atua:

[...] anulando o que existe de sucessivo no protagonista da Bíblia com uma tradição de leitura que considera a totalidade do texto como simultânea em si mesma, de forma que qualquer versículo pode ser lido

¹² MILES, Jack. Op. Cit.

¹³ A obra é original de 1995, e Companhia das Letras publicou a primeira edição no Brasil em 1997. Posteriormente a editora também publicou, do mesmo autor, *Cristo – uma crise na vida de Deus*, em 2002. Ambas as edições estão atualmente esgotadas e a que utilizamos foi publicada pela mesma editora em 2009, em formato de bolso.

¹⁴ MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 27-56.

¹⁵ MILES, Jack. Op. Cit., p. 124.

como um comentário sobre qualquer outro versículo, e qualquer afirmação verdadeira a respeito de Deus num determinado ponto é considerado verdadeira em todos os pontos.¹⁶

O procedimento de Miles, portanto, é ler a Bíblia Hebraica inteira e sequencialmente, como fazemos com obras modernas. É assim que ele consegue biografar o Senhor Deus, identificando mudanças, evoluções e contradições na personalidade inconstante desse personagem que, como vimos acima, se formou a partir da união de muitas vozes. Pressupõe-se que os autores ou redatores da Bíblia organizaram o vasto material textual recolhido da tradição para uma leitura continuada, o que é questionável, e é a História da cultura escrita que nos dá instrumentos para rejeitar esse pressuposto.

Embora saibamos que os autores e redatores bíblicos não juntaram documentos escritos de maneira aleatória, devemos concordar que os processos autorais empregados na antiguidade diferem consideravelmente dos nossos. Como a Bíblia nasceu num mundo dominado pela cultura oral, sua leitura costumava ser feita em circunstâncias específicas, onde grupos se reuniam por motivos religiosos e ouviam a leitura de trechos em voz alta. Mesmo os leitores mais especializados, fossem eles comentadores rabínicos ou pais da igreja, sempre empreenderam discussões extensas sobre pequenas unidades textuais selecionadas, de modo que a leitura bíblica foi quase sempre descontinuada. Ou seja, concordamos que o projeto de Jack Miles seja interessante pelo ineditismo dos seus resultados, porém, julgamos que alguns deles estão sendo alcançados pela imposição forçada de hábitos leitores modernos a textos antigos. Não se pode afirmar que a leitura sequencial era uma intenção dos autores e redatores bíblicos, mas assumindo essa posição Miles passa por cima da fragmentariedade bíblica e resolve com a imaginação (ou melhor, com sua interpretação) todas as incoerências típicas de uma antiga obra de autoria coletiva.

Não queremos parecer conservadores, defensores de práticas de leitura bíblicas antiquadas; nem queremos impedir os leitores de hoje de experimentarem novas abordagens. Ao colocar a leitura de Jack Miles em oposição às conclusões da nossa história das origens bíblicas queremos apenas sugerir, àqueles que abordam

¹⁶ Ibidem. p. 21.

a Bíblia como literatura, que tais conhecimentos sobre o caráter naturalmente compósito das narrativas bíblicas e sobre os hábitos de leitura dos seus primeiros leitores podem ser relevantes para que não criemos *leitores modelos* ou *implícitos* que se pareçam demasiadamente conosco. A leitura sequencial do corpus bíblico, portanto, é um empreendimento moderno que resulta da longa permanência da Bíblia na história humana, até sua inclusão cultura extremamente diferente da que a originou. Para a História da cultura escrita o momento que vivemos é um novo capítulo, um fenômeno para se estudar, o que não exclui a importância de se entender cada vez melhor os hábitos de leitura e uso dos textos das pessoas de dois mil anos atrás.

Sobre a Instabilidade dos Significados dos Textos Bíblicos

O segundo elemento apontado por Roger Chartier para a História da cultura escrita diz respeito à *instabilidade dos significados*. As antigas escolas de interpretação bíblica desconheciam esse princípio, ou negavam-lhe enfaticamente ao defender que “o objetivo da interpretação é extrair o sentido que está latente, preso no texto e em sua relação com o contexto (referente)”.¹⁷ Todavia, a História, como disciplina, é especialmente capaz de demonstrar como o texto bíblico sempre foi lido de novas e diferentes maneiras, evidenciando que, mesmo no caso dos textos que a tradição sacralizou, a *instabilidade dos significados* é um fator que não se pode conter. E além da constatação ser possível a qualquer história da leitura bíblica, as teorias e críticas literárias do século XX trataram de demonstrar de modo mais direto como todo ato de leitura é sempre um diálogo entre textos, em processos dialógicos que a semiótica chamou de *intertextualidades* e *interdiscursividades*.¹⁸

No último século muitos estudiosos procuraram demonstrar como o texto bíblico traz em si características que incentivam a imaginação do leitor e a produção de diferentes significados. Um exemplo é o trabalho do crítico literário Erich Auerbach, que destacou que o próprio texto bíblico, por seu estilo narrativo

¹⁷ ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011. p. 167.

¹⁸ *Ibidem*. p. 171-173.

lacônico, pede que seu leitor desempenhe uma ação do tipo autoral no preenchimento das lacunas deixadas:

[...] o crente se vê motivado a se aprofundar uma e outra vez no texto e a procurar em todos os seus pormenores a luz que possa estar oculta. E como, de fato, há no texto tanta coisa obscura e inacabada, e como ele sabe que Deus é um Deus oculto, o seu afã interpretativo encontra sempre novo alimento.¹⁹

Na mesma trilha Eliana B. Malanga afirmou que a economia ou escassez de informações, típica da literatura bíblica, é um fator que produz ambiguidades e, conseqüentemente, conduz à produção de múltiplas leituras.²⁰ Malanga também falou da linguagem simbólica, característica muito presente, por exemplo, nos textos apocalípticos do cânone bíblico.²¹ O uso dos símbolos, como signos cuja relação com seus referentes é mais arbitrária, é certamente um fator que introduz incertezas no discurso, dificuldades com as quais o leitor lida de maneira criativa, produzindo, não raramente, interpretações completamente imprevistas. No final das contas a autora defende que boa parte da Bíblia Hebraica é uma obra aberta, ou seja, o tipo de literatura que, como a poesia, faz uso abundante da *função poética* (ou *estética*) da linguagem, apresentando-se como um tipo de comunicação que não é *natural* e que, por isso, suscita uma leitura ativa, participativa e de muitas possibilidades.²²

Mas há outros fatores, mais ligados à história da formação e transmissão da literatura bíblica, que contribuem para a instabilidade dos significados. Aí nos vemos novamente envolvidos na tarefa de se conhecer os processos formativos da Bíblia a partir da perspectiva da História da cultura escrita.

Voltando a falar da adoção do códice como suporte para a transmissão da tradição cristã em seus primeiros séculos, consideremos que eles podem ter apresentado novas condições para a recepção. Os tradicionais rolos tinham limites, não costumavam ser maiores que dez metros e, assim, mantinham os livros que a

¹⁹ AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011. p. 12.

²⁰ MALANGA, Eliana Branco. **A Bíblia Hebraica como obra aberta**: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005. p. 308.

²¹ Ibidem. p. 320-322.

²² Ibidem. p. 26-36.

tradição elegia fisicamente separados. Foi o códice que permitiu que os muitos rolos já tradicionais fossem reunidos para formar a Bíblia, uma antologia da literatura e da cultura judaicas onde eles poderiam ser apreciados conjuntamente. Mas a reunião dos livros bíblicos em grandes códices também não foi um processo simples, e o resultado nós constatamos, por exemplo, quando hoje comparamos uma Bíblia Hebraica, uma Bíblia Católica e uma Bíblia Protestante, cada uma com particularidades que a distingue das demais. Sem dúvida as leituras decorrentes de relações intertextuais variam quando há mais ou menos livros no conjunto, assim como as impressões deixadas pelos diferentes arranjos dos livros no cânone. As leituras decorrentes desses diferentes tipos de Bíblias continuarão sendo um vasto campo de estudos para biblistas e historiadores, e testificam a importância de se considerar a *instabilidade dos significados* também a partir da materialidade dada aos textos.

E para citar um último exemplo de como a história da Bíblia se relaciona com a instabilidade de seus significados, propomos um novo salto temporal. Queremos nos referir à inclusão das subdivisões dos livros bíblicos em capítulos e versículos, que permanecem até nossos dias. A divisão em capítulos que conhecemos foi desenvolvida no século XIII por Stephen Langton, um arcebispo de Cantuária. Depois, na metade do século XV, a Bíblia Hebraica ganhou sua divisão em versos, por obra de um rabino conhecido como Rabino Nathan; e o tipógrafo Robert Estienne (ou Stephanus) fez o mesmo com o Novo Testamento, tornando-se o primeiro a imprimir a Bíblia toda com essas segmentações em meados do século XVI.²³ Essas informações são relevantes do ponto de vista da recepção e, para não nos distanciarmos de nosso principal referencial teórico, voltamos a citar palavras de Roger Chartier, agora escrevendo com Guglielmo Cavallo:

[...] é preciso levar em conta que as formas produzem sentidos e que um texto, estável por extenso, passa a investir-se de uma significação e de um status inéditos, tão logo se modifiquem os dispositivos que convidam à sua interpretação.²⁴

²³ CRAIN, Jeanie C. **Reading the Bible as literature**: an introduction. Malden: Polity Press, 2010. p. 4.

²⁴ CAVALLLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. Op. Cit., p. 13.

Torna-se fácil supor que a leitura da Bíblia mudou a partir do momento em que o texto passou a ser copiado ou impresso com tantas subdivisões. E é exatamente sobre os efeitos da segmentação na interpretação bíblica que D. F. Mckenzie escreveu em *Bibliography and the sociology of texts*. O autor falou do filósofo inglês John Locke como leitor da Bíblia,²⁵ e segundo Mckenzie, Locke se incomodou com a forma dada aos textos sagrados por seus editores, dividindo-os em capítulos e versículos. Em 1707 Locke publicou um ensaio no qual discutia essa questão em relação aos textos do apóstolo Paulo, e alegou que tal forma segmentada podia induzir o leitor comum a tomar porções de texto (versículos) como se fossem aforismos autônomos, e que mesmo os leitores com maior conhecimento “[...] perdiam muito da força e do poder da coerência [...]” do texto bíblico. Na opinião de Locke, a forma dada ao texto bíblico por seus editores traía as intenções autorais e se constituía num perigo religioso pois, assim dividido, ele poderia ser mais facilmente manipulado. Noutras palavras, Locke se deu conta de que as aparentemente inocentes segmentações podiam produzir novos sentidos, condicionar as leituras, afastando o leitor do sentido *original*.

Com um olhar menos ortodoxo poderíamos dizer que a nova forma dada ao texto bíblico impresso, mesmo sem ter essa intenção, era um facilitador da liberdade criativa, possibilitando ao leitor uma aplicação individualizada de unidades textuais criadas pela segmentação acrescida. As diferentes interpretações, portanto, não devem ser atribuídas apenas à imaginação criativa e pessoal do leitor, mas também a fatores diversos que dizem respeito às formas, aos suportes materiais, aos hábitos de leitura, aos contextos sociais da leitura etc. Conclui-se, mais uma vez, que a História da cultura escrita é uma disciplina cada vez mais relevante para os estudiosos da literatura bíblica, que com ela já não estarão interessados apenas nas formas dos antigos manuscritos, mas também nas formas assumidas pelas muitas Bíblias que foram lidas ao longo da história.

Sobre as Autoridades Religiosas e a Mediação na Leitura Bíblica

²⁵ MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge University Press, 2004. p. 55-57.

Já vimos no item anterior que o contato do leitor com a Bíblia é sempre mediado. A leitura sempre é influenciada pelo tipo de papel em que o texto está impresso, pela imagem escolhida para ilustrar a capa, pelas palavras dos paratextos ali incluídos, pelos juízos previamente oferecidos por determinada comunidade leitora a respeito do mesmo título, pelas competências pessoais e estados físicos do leitor, pelas condições do ambiente em que tal leitura se dá etc. Isso tudo, como dissemos, abre inúmeras possibilidades interpretativas que tornam o conteúdo bíblico indomesticável. Contudo, mesmo diante de tantas possibilidades a história nos mostra que ao longo dos séculos algumas leituras da Bíblia foram privilegiadas, defendidas como legítimas, e isso nos leva ao último tópico relevante para a História da cultura escrita ligada à interpretação bíblica, que é o das *autoridades*.

Nós seguiremos defendendo a instabilidade dos significados dos textos bíblicos, mas teremos que reconhecer que a Bíblia é um livro cujo uso religioso sempre foi o mais comum. As instituições religiosas sempre agiram como se a Bíblia fosse sua propriedade exclusiva e embora não possamos negar que a Bíblia que conhecemos é um produto das mãos de judeus e cristãos, sempre podemos questionar as pretensões dessas instituições quando afirmam que seus líderes sejam os únicos leitores capazes de compreendê-la. É sobre isso que Antonio Paulo Benatte escreveu, dizendo:

Para a religião institucionalizada, independentemente das profissões de fé, a Bíblia, justamente por ser extremamente polêmica, é um livro cuja interpretação necessita ser controlada conforme uma grade doutrinária, quer dizer, uma dogmática teológica ou outra. A leitura dogmática, ou ortodoxa, visa legitimar a instituição, autorizando-a como intérprete legítima, ao mesmo tempo em que busca minimizar as ambiguidades, contradições e desvios das leituras individuais e coletivas. A estratégia é criar um consenso que supere o dissenso hermenêutico ou o conflito das interpretações.²⁶

Geralmente se pensa na Idade Média quando falamos de instituições religiosas controlando o acesso das pessoas ao texto bíblico, mas, de modo geral, as instituições religiosas enquanto leitoras continuam preservando seus traços

²⁶ BENATTE. Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: aproximações mediante a estética da recepção. **Rever**, São Paulo, ano 12, n. 1, p. 9 - 30, 2012. p. 27.

ditatoriais, fazendo de suas interpretações oficiais armas para a defesa de seus dogmas. Rubem Alves criticou o controle exercido sobre a significação do texto bíblico numa expressão recente do cristianismo reformado, e afirmou que o protestantismo deu ao povo o acesso ao texto em seu idioma, mas não o direito de interpretar o texto livremente:²⁷

Cada um pode ler as Escrituras, diretamente. Mas este é nada mais que o direito ao ato mecânico da leitura. Não há direito de interpretação, porque a interpretação correta já foi cristalizada num documento autoritativo [...] A fim de preservar o caráter absoluto do conhecimento, acima de toda a dúvida, interdita-se o exercício da consciência interpretativa e da razão crítica por meio de uma confissão que se torna o critério final para a leitura do texto sagrado.²⁸

A erudição bíblica, desenvolvida principalmente no século XIX, deu um passo importante para a produção de leituras bíblicas que independem das religiões. Todavia, mesmo a exegese bíblica com toda a sua complexidade acabou, nas mãos de muitos, usada como uma forma acadêmica de legitimar as abordagens religiosas. Em meados do século XX surgiram novos caminhos para as interpretações bíblicas, estes, de viés mais literários; e críticos seculares como Erich Auerbach²⁹ e Northrop Frye³⁰ perceberam que conseguiriam compreender melhor a literatura ocidental se aprimorassem seus conhecimentos sobre a Bíblia. Mas eles também notaram que as mediações religiosas na leitura bíblica não poderiam ser ignoradas facilmente. Frye ressaltou que em toda a literatura ocidental a Bíblia estava presente como um livro sagrado,³¹ e isso tornou mais claro quão difícil seria, mesmo para a crítica literária, abordar essa literatura sem a influência judaico-cristã.

Até então, para muitos críticos seculares a Bíblia não era considerada digna de abordagens com finalidades estéticas, era *coisa de igreja*; para os religiosos, a Bíblia era um patrimônio exclusivo, um guia doutrinário, moralizante, espiritual, e não tinham grande interesse pelo valor estritamente literário que ela pudesse

²⁷ ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005. p. 101-154.

²⁸ Ibidem. p. 136.

²⁹ AUERBACH, Erich. Op. Cit.

³⁰ FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

³¹ Ibidem. p. 14-15.

ter.³² Deste contexto nasce a ideia de que ler a Bíblia *como literatura* é lê-la como um livro não religioso, tarefa que se mostrou árdua pelas páginas bíblicas estarem intimamente ligadas aos imaginários religiosos de homens do passado.

Para aqueles que se interessam pela interpretação bíblica na contemporaneidade e pela história das leituras bíblicas, é absolutamente imprescindível estar ciente da força exercida pelas religiões em qualquer contato que se tem com a Bíblia, o que vale para o passado e para o presente. Sabemos que o livro esteve ligado às instituições religiosas em toda a sua existência, e atualmente isso se expressa nas edições disponíveis e nas leituras mais populares. Tentando nos livrar dessa mediação acabamos, muitas vezes, agindo sob influência dessa mesma força. Ou seja, se nego as autoridades religiosas e suas práticas de leitura e tento empreender uma abordagem diferente, ainda posso estar agindo a partir dessa mediação religiosa que tento evitar, e minha leitura antirreligiosa não deixa de girar em torno das mesmas autoridades, ainda que se apresente como uma oposição a elas. Além disso, é necessário dizer que a maioria dos leitores contemporâneos que assim procedem acabam substituindo a mediação religiosa por outras, geralmente de tipo acadêmica ou literária, o que nos leva a concluir que, diante de um livro tão tradicional, não há leitura que não seja mediada. Por isso nós não afirmamos que o objetivo é se libertar das mediações na leitura bíblica, mas seria bom, pelo menos, estarmos conscientes delas.

Enfim, a discussão evidencia que os modos como as instituições religiosas procuram condicionar a leitura bíblica e os resultados de suas intervenções através do cinema, das editoras ou dos sermões constituem um vastíssimo campo de estudos para a História da cultura escrita ligada à interpretação bíblica. Por exemplo, podemos estudar as diferentes edições bíblicas de hoje e de ontem, seus formatos e os paratextos incluídos, e procurar averiguar como tais intervenções condicionaram a produção de sentidos dos leitores, o que nalguns casos se expressa por meio de marcas feitas por tais leitores nas margens de suas Bíblias. Podemos também estudar as recentes versões da Bíblia destinadas a públicos infantis, não somente para julgar as escolhas feitas a partir das versões

³² MAGALHÃES, Antônio. Op. Cit., p. 130-131.

tradicionais, mas também do ponto de vista das instituições religiosas que as produzem com o objetivo de formar novos leitores e fieis. Podemos ainda avaliar as muitas releituras que determinadas narrativas bíblicas recebem no cinema e na TV, e nos perguntar sobre a aceitação dessas releituras por parte de públicos que leem a Bíblia e podem julgar a fidelidade das novas produções às narrativas originais. E os exemplos não se esgotariam tão cedo.

Considerações Finais

Este trabalho nasceu, como o leitor deve ter notado, da leitura interessada da obra de Roger Chartier³³ e da natural aplicação de seus temas aos objetos que já eram de nosso interesse. A abrangência buscada resulta em evidente superficialidade no tratamento de alguns temas que colocamos em pauta, mas esses efeitos não impedem que nossos objetivos sejam alcançados. Procuramos demonstrar como a História da cultura escrita, proposta por Chartier em três pontos (1. Complexidade dos processos de escrita, preservação e transmissão dos textos; 2. Instabilidade dos significados; 3. Autoridades e mediações na leitura), pode ser importante para a sequência dos estudos bíblicos contemporâneos e, em especial, brasileiros. Trata-se apenas de uma tentativa de propor novos caminhos nessa área de pesquisa que em dias recentes, marcada pelo próprio passado, se tornou avessa à historiografia e passou a ignorar algumas de suas importantes contribuições.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Teológica/Loyola, 2005.
- AUERBACH, Erich. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- BENATTE, Antonio Paulo. Os pentecostais e a Bíblia no Brasil: aproximações mediante a estética da recepção. **Rever**, São Paulo, ano 12, n. 1, p. 9 - 30, 2012.
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (orgs.). **História da leitura no mundo ocidental**. São Paulo: Ática, 1998. V. 1.

³³ CHARTIER, Roger. Op. Cit.

- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.
- _____. **A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. UnB, 1999.
- _____. **Os desafios da escrita**. São Paulo: UNESP, 2002.
- CRAIN, Jeanie C. **Reading the Bible as literature: an introduction**. Malden: Polity Press, 2010.
- CROSSAN, John Dominic. **O nascimento do cristianismo: o que aconteceu nos anos que se seguiram à execução de Jesus**. São Paulo: Paulinas, 2004.
- FISCHER, Steven Roger. **História da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.
- FRYE, Northrop. **O código dos códigos: a Bíblia e a literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.
- GABEL, John B.; WHEELER, Charles B. **A Bíblia como literatura**. São Paulo: Loyola, 2003.
- KERMODE, Frank. O Cânone. *In*: ALTER, Robert; KERMODE, Frank (orgs.). **Guia literário da Bíblia**. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997. p. 641-651.
- MAGALHÃES, Antônio. **Deus no espelho das palavras: teologia e literatura em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 2009.
- MALANGA, Eliana Branco. **A Bíblia Hebraica como obra aberta: uma proposta interdisciplinar para uma semiologia bíblica**. São Paulo: Humanitas/Fapesp, 2005.
- MCKENZIE, D. F. **Bibliography and the sociology of texts**. Cambridge University Press, 2004.
- MILES, Jack. **Deus, uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ZABATIERO, Júlio; LEONEL, João. **Bíblia, literatura e linguagem**. São Paulo: Paulus, 2011.